

## **A Leitura de Chartier do Pensamento Foucaultiano**

Halferd Carlos Ribeiro Júnior<sup>1</sup> - PPG-UNESP/Franca

A obra de Michel Foucault tem sido estudada por diversos estudiosos em diferentes áreas do saber, pois suas publicações contemplam preocupações presentes em diversas formas de conhecimento das ciências humanas. Assim, restringimo-nos a pesquisar as contribuições do pensamento foucaultiano para o saber histórico, sobretudo enfatizando as características da leitura de um historiador francês que tem contribuindo para a discussão historiográfica em torno da História Cultural, Roger Chartier.

Para concretizar tal intento, elaboramos uma questão importante: Quais as características da leitura que Roger Chartier fez dos escritos de Foucault? Conseqüentemente, o objetivo da pesquisa é analisar a leitura que R. Chartier fez do trabalho intelectual de Foucault para a sua História Cultural.

De acordo com o escopo analítico delimitado pelo interesse da pesquisa e pelo objetivo, temos como fontes teóricas os livros de Foucault, principalmente, mais importantes para a sua articulação epistemológica: *As Palavras e as Coisas* (1966), *A Arqueologia do Saber* (1968), *A Ordem do Discurso* (1970), e por fim, os ensaios de Foucault do início da década de 70, que fundamentaram o redimensionamento de suas preocupações de sua arqueologia, integrando-a numa nova fase de seu pensamento, a genealogia, tais como: *Nietzsche, a Genealogia e a História* (1971); e de Chartier: *História Cultural* (1988) e *A Beira da Falésia* (2002). Metodologicamente, prosseguimos a leitura desses livros comparando suas assertivas com os discursos de seus comentaristas viabilizando, assim, a construção de um discurso histórico preocupado em alcançar o objetivo proposto.

---

<sup>1</sup> Mestrando do curso de História da Universidade Estadual Paulista – UNESP – campus de Franca, área de concentração História e Cultura.

Feito as considerações iniciais do recorte da pesquisa, passamos para a análise dos dados obtidos. Em 1980, em um colóquio sobre os problemas da história intelectual realizado na *Cornell University*, Roger Chartier apresentou pela primeira vez o texto, História Intelectual e História das Mentalidades. Neste ensaio, discorre a presença da história intelectual no decorrer do século XX, perpassando as diversas formas de se fazer história realizadas pelos *Annales* e pormenorizando as dificuldades encontradas pela história das mentalidades.

É neste interregno que Roger Chartier, estudando os pressupostos da história intelectual, da primeira geração dos *Annales*, estabelecidas Febvre, propõe, de maneira esquemática, a primeira noção, de acordo com o nosso recorte analítico, de representação que o estudioso da história deve partir para a análise do discurso.

A história cultural que Roger Chartier propõe, em 1980, preocupa-se em compreender o que é mais específico num momento histórico, “*na sua irredutível especificidade*”, a fim de compreender a sua linearidade e as suas diferenças com outros períodos, assim, todos de uma comunidade possuem uma mesma interpretação de sua realidade, a qual estabelecem suas relações sociais.

Roger Chartier, logo após ter analisado a história intelectual da primeira geração dos *Annales*, passa a discutir a história das mentalidades formulada a partir da década de 60. Segundo Chartier, o estudo das mentalidades é ancorado no pressuposto, “*a mentalidade sempre colectiva que rege as representações e juízos dos sujeitos sociais, sem que estes os saibam*”. Este conceito que possibilitou vários trabalhos historiográficos possui dois problemas em que afetam a história cultural de Roger Chartier. O primeiro, como articular o tempo da mentalidade, longa duração, com os movimentos de rápidas mudanças? E segundo, qual a relação entre os grupos sociais e os níveis culturais?

A tentativa para solucionar estes problemas possibilitou, para os historiadores das mentalidades, o uso de diversas formas de vestígios históricos e a necessidade de novas

abordagens metodológicas, além do descobrimento de novos temas para o discurso histórico, bem como a crença, os rituais, a morte.

O objeto da história intelectual ou cultural proposto por Roger Chartier, em 1980, é viabilizado a partir do debate que ele estabeleceu com a história das idéias de Febvre e da discussão, após 1960, a respeito deste mesmo tema a qual permitiu diferentes maneiras de se pensar e escrever a história, como a história social das idéias que utiliza recursos intelectuais da Sociologia, todavia, Chartier critica como reducionista.

O questionamento, que Chartier elaborou para visualizar os fundamentos das histórias das idéias, tem em mira a reafirmação da sua aceção sobre a noção de representação. Para ele a história intelectual ou cultural deve preocupar-se com os fundamentos de uma determinada representação e, concomitantemente, a relação entre o emissor e o receptor de informações, na medida que a qualidade da recepção e a apropriação feita pelo interlocutor é mais relevante para a compreensão do pacto entre os homens na formação da representação de uma realidade qualquer, logo, os nexos de sentido e as inter-relações possíveis de ser estabelecidas sobre a recepção, recebe o primado interpretativo para a proposta de Roger Chartier.

O texto apresentado na *Cornell University*, em 1980, na sua terceira parte denominada “Questionar as Delimitações”, critica a história das idéias clássica, por consequência, o trabalho histórico realizado antes da primeira geração dos *Annales*, que tem os temas de estudo: as audácias do passado, as inteligências sem rédeas, e as propostas da história das mentalidades.

Chartier valoriza a história intelectual realizada no molde definido por Febvre e delimita o espaço de possibilidade epistemológica da sua história intelectual ou cultural. O historiador cultural, segundo ele, deve partir da noção de representação, procurando estabelecer o que é característico do sistema de pensamento pertinente a sua pesquisa, opinião que Chartier estabeleceu a partir do saber histórico da primeira geração dos *Annales*, reconhecendo que é

necessário estar atento à divulgação das idéias e a sua recepção pelo meio social, para poder reforçar o caráter de uma representação cultural.

Chartier reivindica para a história intelectual ou cultural os conteúdos já mencionados por Fevre, os limites do pensável, a história das representações coletivas, as categorias intelectuais disponíveis e partilhadas em diversos momentos do percurso vivido pela humanidade, e por meio da crítica as várias formas de dicotomia, como culturas erudita e popular, propõe um estudo das relações de diferentes segmentos sociais e as suas representações.

Todavia, Chartier precisa responder, satisfatoriamente, as duas problemáticas herdadas como articular o tempo da permanência da representação cultural com as suas rupturas? E como relacionar os grupos sociais com os aspectos culturais?

A resposta de Roger Chartier é esboçada com o pensamento foucaultiano, de maneira tal que rompe com a racionalidade destas duas questões reafirmando seus pressupostos teóricos da representação permitindo o estabelecimento de um novo espaço para a compreensão dos objetos de memória.

Portanto, após Foucault, as duas problemáticas presentes na história das mentalidades e a social são colocadas em suspenso, pois não há uma resposta pré-determinada, *a priori* ou metafísica, a articulação deverá ser feita como cada série de discursos estabeleceu entre si, no fundo, surge um novo objeto, um objeto que é pretensamente natural. Este programa interpretativo, ancorado em postulados foucaultianos, propõe ao historiador tentar compreender os seus objetos de acordo com o sistema de pensamento a qual eles foram produzidos, criando, então, um novo espaço para o debate historiográfico, em que a história cultural pretende alojar-se, dando início a um novo tipo de discurso histórico.

Em 1986, Chartier elaborou o ensaio, O Passado Composto, com o subtítulo, Relações entre Filosofia e História, para o colóquio “*histoire et Philosophie*” realizado no centro de estudos *Georges Pompidou*. Este discurso expõe de maneira mais detalhada a sua leitura da

obra foucaultiana; texto, em que fica claro a apreciação dos escritos *A Ordem do Discurso*, *A Arqueologia do Saber*, e o ciclo de debates sobre Foucault publicados com a organização de Michelle Perrot. Portanto, expressa um Chartier conhecedor das principais temáticas para a escrita da história do pensamento foucaultiano.

O Passado Composto é a tentativa de assunção dos pressupostos filosóficos fundamentais para a historiografia, não as filosofias da história, bem características do século XIX, mas a reflexão que permite o entendimento das possibilidades, dos limites, das necessidades, da criticidade, da epistemologia para a sedimentação do conhecimento produzido acerca do homem e o seu tempo, por isso, a renúncia a Hegel e a todas interpretações previamente estabelecidas sobre o passado.

O pensamento filosófico importante para a construção da narrativa histórica é aquele está imbuído pelo trabalho do historiador. Chartier enumera vários casos, como exemplo a impossibilidade de utilizar as definições, e implicações, das séries econômicas, demográficas ou sociais, porém a acepção forjada por Foucault é perfeitamente usável, *“A noção de série não é necessariamente expulsa de uma tal história – por exemplo, o sentido em que Foucault falava de “séries de discursos” tendo cada uma os seus princípios de regularidade e os seus sistemas de pensamentos”*.

Chartier para delimitar o objeto da história realizada por meio de aspectos filosóficos, revisita o pensamento foucaultiano, não existe uma realidade em si e nem um objeto de estudo pretensamente natural. Segundo Chartier, para Foucault não existe o real, todavia, ele é pactuado pelos homens e que pode ser percebido através dos discursos, conseqüentemente, os objetos históricos são construídos culturalmente.

Deste modo, Chartier compreende que Foucault, juntamente com Nobeit Elias, revolucionou o campo da disciplina histórica, modelando um novo espaço de inteligibilidade, pois ambos possibilitaram uma nova forma de perceber os conceitos e os objetos da história.

O artigo Textos, Impressos, Leituras foi apresentado no colóquio “Conceitos, Métodos e

Objectos em História da Cultura”, realizado na Universidade do Porto em 1986. Por um lado, Escrito importante, porque reflete a tensão entre uma teoria epistemológica para a historiografia e a sua realização em um estudo empírico; por outro lado, aparece uma pequena crítica ao pensamento foucaultiano, a qual Chartier não nega, contudo faz uma pequena ressalva em um conceito explicitado na aula inaugural de Foucault apresentada no *College de France*.

Roger Chartier procura entender a relação de três aspectos fundamentais, com consumo cultural da Época Moderna, o texto produzido por um autor; o texto impresso, forjado pelos editores com o intuito de atingir o maior público possível; e a leitura realizada de diversas formas e por diferentes leitores, como a leitura em grupo e oral, e uma leitura silenciosa realizada por um intelectual. Ele questiona o princípio de uma leitura soberana do autor do texto, e também, a total liberdade da interpretação do leitor.

Assim, *Textos, Impressos, Leituras* é o aprofundamento da questão apresentada em 1980 acerca da emissão de informações e a recepção, a apropriação pelo leitor que tem a principal atenção voltada para a verificação de determinada representação cultural de uma época.

Chartier organizou estes pressupostos de pesquisa com base na análise do prólogo do livro *Celestina* publicado em Saragoça no ano de 1507, cujo autor é Fernando de Rojas, o livro *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes e o conjunto de textos publicados na França intitulados *Bibliothèque bleue*, ou romances de literatura de cordel.

O estudo desta série de discursos possibilitou, Roger Chartier, repensar o conceito de apropriação que freqüentemente foi utilizado em seus trabalhos.

A introdução para o livro *História Cultural, Para uma Sociologia das Práticas Simbólicas*, redigida por Chartier reflete a preocupação em estabelecer claramente os eixos analíticos de sua proposta para a escrita da história. Em outra perspectiva, ele esclarece, inicialmente, a situação da produção historiografia, principalmente à francesa, das décadas de 60, 70, e o início dos anos 80, mapeando o debate intelectual em que seus discursos estão inseridos.

O conjunto de ensaios reunidos nesta série de discursos, segundo Chartier, responde a insatisfação em relação à história francesa dos anos 60 e 70, representada pelas histórias das mentalidades e serial. É o texto que melhor qualifica o seu projeto para o estudo dos aspectos históricos pautado num viés cultura.

Chartier articula, sua inovação teórica e metodológica, pensando por meio das reflexões historiográficas, diálogo com a escola dos *Annales*; filosófica, caracterizado pelo artigo O Passado Composto, a maior aproximação intelectual do historiador com Foucault; e sociológica, a aceitação de conceitos de Nobeit Elias e Pierre Bourdieu. Com esta tríplice elaboração de ferramentas para o estudo do homem, Chartier referenda três conceitos primordiais para caracterizar sua história, representação, prática, e apropriação.

O conceito de apropriação é colocado no centro de análise da abordagem da história cultural, “*objetivando uma história social das interpretações*”, todavia, estipulado de maneira diferente da de Foucault.

Os conceitos de representação e prática estão intimamente ligados, porque determinada representação cultural possibilita a produção de uma prática específica conforme uma maneira de perceber o mundo, ou seja uma representação.

A noção de representação, é proclamado num diferente suporte, do que foi apresentado por Chartier em 1980. A história cultural que Roger Chartier propõe, tem como princípio que a pesquisa da realidade em si é impossível de ser realizado, porque o historiador só tem acesso ao passado por meio dos vestígios históricos remanescentes, produzidos pelos contemporâneos da época estudada, conseqüentemente, o pesquisador não apreende a realidade do passado em si, mas, tão somente, as representações culturais que os homens elaboraram e pactuaram sobre si mesmos.

Chartier explica o sentido dado ao vocábulo representação, relacionando o signo visível, a coisa em si e o conjunto de caracteres lingüísticos necessários para a expressão mental da coisa, e o significado referente ao signo visível, por conseqüência, a representação contém dois

aspectos distintos, nas palavras de Chartier, representação e representado, entre signo e significado, que pode ter sentidos diferentes de acordo com o tempo e o espaço.

Como já mencionado, as práticas sociais adquirem sentido com a percepção da representação a qual elas se articulam. O historiador culturalista, de acordo com Chartier, supera as limitações das mentalidades, e da história social, que em última instância, postulam a compreensão do passado valorizando, demasiadamente, um único aspecto do social.

Deste modo, o refinamento intelectual de Roger Chartier, denotado pela introdução Por uma Sociologia Histórica das Práticas Culturais, reformulou o objetivo de sua história cultural, entendido, em 1980, como a relação dos objetos, pretensamente naturais, com os sistemas de pensamento de uma época, proposta foucaultiana, explicitada por Veyne; Chartier não nega esta premissa teórica, mas, procura ampliar o escopo analítico desta maneira de se fazer história, tentando explicar como foi produzida e articulada a constituição de um espaço de sentido e da sua relação com as práticas, conseqüentemente, suporte de pesquisa próximo à genealogia de Foucault.

Para finalizar, conclui-se que a leitura de Chartier, dos escritos de Foucault, em 1980, valoriza a desnaturalização dos objetos, em 1986, considera a crítica e a genealogia de Foucault como quesitos primordiais para a escrita da história e explica que Foucault e Nibert Elias revolucionaram o campo da história, pois eles redimensionaram os seus objetos e os seus conceitos. Também em 1986, critica a noção de apropriação de Foucault, apresentada no livro A Ordem do Discurso (1971), aula inaugural de Foucault no Collège de France, e a rearticula, elaborando um conceito para o estudo da leitura na Época Moderna.